



5-X - 1982



O casarão da fazenda Santana, demolido em 1916, foi o núcleo inicial do tradicional bairro paulistano.

# Santana, memória de um velho subúrbio

**ERNANI SILVA BRUNO**

Os moradores de Santana — a propósito dos 200 anos da consagração de sua padroeira — estão promovendo uma série de encontros e comemorações que relembrem a história e preservem a memória desse bairro paulistano que pode ser considerado, ao mesmo tempo, antigo e jovem.

Antigo, se a gente se reportar à existência do remoto latifúndio jesuítico que ali se estabeleceu e concorreu para seu povoamento inicial, a fazenda Santana, cujo casarão seria demolido em 1916. Ou se levarmos em conta que Santana já figurava entre os bairros mencionados no recenseamento de 1765, embora fossem eles “bairros rurais”, estranhos ao núcleo propriamente urbano de São Paulo. Na realidade era então Santana uma “perspectiva de bairro”, pois quando se demarcou alguns anos depois o “rocio de meia légua” colocou-se um marco, além do Tietê, na paragem do Areal, por onde passaria mais tarde a rua Voluntários da Pátria.

Não se deve esquecer que a velha Ponte Grande, feita de madeira (em local próximo ao da atual Ponte das Bandeiras substituída em 1865 por outra Ponte Grande, de estrutura metálica, impediu o isolamento dos moradores de Santana e permitia a passagem dos carros de boi que, de seus sítios, transportavam mantimentos para a cidade.

Santana era então — como escreveu o historiador Afonso de Freitas — o primeiro pouso para quem, de São Paulo, viajasse para a província de Goiás e não passava de pitoresco arraial, de onde se descortinava ampla vista da cidade de São Paulo, então longínqua.

Manteve-se, até 1908, a tradição do bondinho de burro para se ir para ali. E na evocação de Nuto Santana, no começo do século atual a rua Voluntári os da Pátria parecia uma estrada, com uma ou outra casa de pau-a-pique e cercas de bambu e caraguatás pondo uma nota curiosa na paisagem dos descampados varzeanos.

O Tietê e essas várzeas alagadiças impediram, por muito tempo, que se estabelecesse uma contiguidade física entre a cidade e seu subúrbio santanense. E é no sentido de sua tardia integração no conjunto urbano paulistano que Santana pode ser considerado um bairro jovem, com menos de cem anos de existência.

Quem se der ao trabalho de consultar os anti-

gos mapas e plantas da cidade poderá verificar que mesmo naquele elaborado por Gomes Cardim, já nos últimos anos do século passado, a linha do Tramway da Cantareira e a rua Voluntários da Pátria, atravessando áreas não urbanizadas atingem o pequeno núcleo de Santana.

Um leve crescimento desse núcleo pode ser constatado em pequenas plantas setoriais da cidade que figuram em uma “Enciclopédia de São Paulo”, organizada por Silva Barros e publicada em 1928, quando a Santana já haviam chegado a eletricidade e os bondes elétricos.

Mas — antigo subúrbio ou bairro relativamente jovem — Santana é hoje uma densa e importante porção da cidade. Sem aquelas marcas veementes — a pinta negra de algumas áreas da Barra Funda, as características afro-italianas do Bexiga ou o cunho peninsular do velho Brás, por isso mesmo talvez selecionados para o enfoque literário de Antonio de Alcântara Machado.

A promoção literária dos bairros é um fenômeno curioso. Falando da Lapa carioca, por exemplo, Luís Martins chegou a escrever: “Eu não hesito em afirmar que o prestígio da Lapa na década de 30 foi, um pouco, promoção nossa, os jovens escritores e artistas que a frequentávamos. Nós escrevíamos sobre ela artigos, crônicas e reportagem: criávamos, assim, a sua tradição, o seu mito, a sua lenda.”

Deve-se lembrar que os bairros de São Paulo não foram — como os do Rio de Janeiro — enobrecidos pelos toques mágicos de nossos grandes romancistas do passado. Não há leitor de Alencar, de Machado de Assis, de Aluísio Azevedo que, ao andar pelo Catete, Botafogo, Laranjeiras, Tijuca, Santa Teresa ou Engenho de Dentro, não seja bafejado pelas sugestões das raízes dessas áreas urbanas expressas na prosa literária.

Os bairros paulistanos — com exceção dos focalizados neste século em “Brás, Bexiga e Barra Funda” — não tiveram esse reconhecimento literário de sua paisagem e seus traços característicos. Santana tem por si apenas as evocações de alguns memorialistas, como Francisco de Assis Vieira Bueno e Everaldo Valim Pereira de Sousa. E sua história, tão bem contada por Maria Celestina Teixeira Mendes Torres.